

## AUTISMO: PERCEPÇÃO DOS PAIS SOBRE O DESENVOLVIMENTO

### AUTISMO: PERCEPÇÃO DOS PAIS SOBRE O DESENVOLVIMENTO

*Leonardo Augusto Couto Finelli<sup>1</sup>  
Brunella Maria Dias Abreu<sup>2</sup>  
Mônica Alves Rocha de Carvalho<sup>3</sup>*

#### RESUMO

O autismo é um transtorno que pode afetar diversos aspectos do desenvolvimento, tais como, a área social, cognitiva e da linguagem, afetando a comunicação do sujeito e, portanto, podendo ocasionar diversos comprometimentos. Para que existam chances significativas na aquisição de habilidades importantes no comportamento da criança com autismo, faz-se necessário realizar um estudo do desenvolvimento infantil, na tentativa de compreender os diversos aspectos do desenvolvimento da criança. O objetivo dessa pesquisa foi analisar a percepção dos pais quanto ao desenvolvimento das crianças autistas. Nesse sentido realizou um estudo de campo, quantitativo e qualitativo, com 20 responsáveis pelas crianças autistas, atendidas por uma associação que atende crianças e adolescentes com autismo do Norte de Minas Gerais, na cidade de Montes Claros. Dos 20 respondentes 65% eram mães, 30% pais e 5% avós (materna). A idade das crianças atendidas pela instituição variou entre 0 a 15 anos, sendo que 30% têm de 0 a 5 anos, 50% têm de 6 a 10 anos e 20% têm de 11 a 15 anos. Conclui-se que os cuidadores que responderam a pesquisa compreendem de modo satisfatório os aspectos desenvolvimentais que devem ser atentados para o auxílio do desenvolvimento da criança autista.

**Palavras-chave:** Autismo Infantil. Desenvolvimento Infantil. Desenvolvimento da Linguagem. Percepção dos pais.

### AUTISM: PERCEPTION OF PARENTS ABOUT DEVELOPMENT

#### ABSTRACT

Autism is a disorder which can affect many aspects of the development of a person, such as social life, cognitive ability and the area of language, risking the communication skills of this person and, therefore, causing many future problems. To make the chances in acquiring important abilities in autistic children behave significant, it's necessary to do a study about child development to attempt to understand its many aspects of it. The purpose of this research was look at the perception of parents about autistic child development. A field study was done, quantitative and qualitative, with 20 adults responsible for autistic children, attended by an institution which helps children and teenagers with autism in the north of Minas Gerais, in the city of Montes Claros (Brazil). From those people interviewed, 65% were mothers, 30% were fathers and 5% maternal grandmothers. The institution helps autistic children ages 0 to 15 years old. In conclusion, the caretakers of these children were found to have a satisfactory understanding about the aspects that helps in autistic children development.

**Keywords:** Autism in Childhood. Children Development. Language Development. Parents Perceptions.

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Educação pela UEP, Mestre em Avaliação Psicológica pela USF, Professor Adjunto do Departamento de Psicologia das Faculdades Integradas do Norte de Minas – FUNORTE, e-mail: <finellipsi@gmail.com>

<sup>2</sup> Especialização em Educação Especial Ênfase: Comunicação Alternativa pelo ISEIB. Psicóloga.

<sup>3</sup> Especialização em Psicologia da Educação pela PUC-MG, Professora do Departamento de Psicologia da Faculdade de Saúde Ibituruna – FASI.

## AUTISMO: PERCEPÇÃO DOS PAIS SOBRE O DESENVOLVIMENTO

### INTRODUÇÃO

O Autismo é uma síndrome comportamental classificada na subcategoria dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento. O mesmo é caracterizado principalmente por prejuízos na interação social, na comunicação e no comportamento, incluindo padrões de comportamentos restritos e repetitivos (GADIA; TUCHMAN, ROTTA, 2004).

Para a aferição diagnóstica do autismo deve-se verificar, concomitantemente os critérios clínicos: 1) atraso e desvio sociais – qualificados por distúrbios no ritmo de aparecimento de habilidades físicas, sociais e linguísticas; 2) dificuldades na comunicação – marcadas pela ausência ou atraso da fala ou linguagem e pelo ritmo imaturo da fala; e 3) comportamentos incomuns – (tais como movimentos estereotipados e maneirismos) – caracterizados por repetições de movimentos como balançar as mãos, a cabeça, andar na ponta dos pés, etc. (KANNER, 1943, *apud* BOSA; CALLIAS, 2000). A literatura contemporânea considera ainda a presença de um quarto critério, que é a necessidade dessas características, anteriormente descritas, aparecem antes dos 36 meses de idade - a manifestação dos sintomas ocorre antes dos três anos de idade; e persistirem durante a vida adulta - caracterizando-se por uma série de anomalias comportamentais (RUTTER, 1978, *apud* TUCHMAN; RAPIN, 2009).

Para que essas características incomuns da criança autista sejam amenizadas, e se obtenha melhora no comportamento da criança, é preciso fazer um estudo do desenvolvimento infantil, de modo a suplementar a estimulação adequada à demanda de cada caso. Somente a partir da observação dos diversos aspectos deste desenvolvimento (físico-motor, afetivo-social, e cognitivo) torna-se possível, elaborar intervenções direcionadas para os déficits, dificuldades e potencialidades de cada indivíduo (OLIVIER, 2010).

Esse transtorno pode afetar diversos aspectos do desenvolvimento, tais como a área social, cognitiva, e da linguagem. Essas, sendo comprometidas, podem promover diversos déficits à adaptação do sujeito. Assim, faz-se necessária a tentativa de compreender o desenvolvimento infantil para se programar um manejo diferenciado, tendo em vista a aquisição de um maior repertório de habilidades nas áreas do desenvolvimento que estiverem comprometidas (BEE, 2003).

Como o desenvolvimento da linguagem relaciona-se, sobremaneira, com as demais dimensões que caracterizam o autismo (social e comportamentos incomuns), pode-se assumir a primazia dessas para as investigações e intervenções. Para compreender o desenvolvimento da linguagem, deve-se compreender *a priori* o desenvolvimento cognitivo e social da criança (BEE, 2003). O processo desenvolvimental dos bebês e das crianças com desenvolvimento típico seguem

## AUTISMO: PERCEPÇÃO DOS PAIS SOBRE O DESENVOLVIMENTO

etapas progressivas. Inicialmente entre 6 semanas e 3 meses, os bebês começam a arrulhar quando estão felizes - guinchando, gorgolejando e fazendo sons de vogais. De 3 a 6 meses aproximadamente, os bebês começam a brincar com os sons da fala, combinando aqueles que ouvem das pessoas a seu redor (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

De acordo com Papalia, Olds e Feldman (2006), os balbucios – a repetição de sequências de consoantes e vogais – ocorre entre 6 e 10 meses, sendo com frequência confundida com a primeira palavra do bebê. O balbucio não é linguagem real, pois não guarda significado para o bebê, mas ele se torna mais parecido com as palavras.

O desenvolvimento da linguagem continua com a imitação dos sons que os bebês ouvem e depois com a imitação de si mesmos fazendo esses sons. Aproximadamente dos 9 aos 10 meses, os bebês deliberadamente imitam sons sem compreendê-los. Depois que possuem um repertório de sons, os sequenciam em padrões que se assemelham à linguagem, mas parecem não ter significado (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006). Em torno do final do primeiro ano, os bebês normalmente dizem sua primeira palavra, e cerca de 8 meses a 1 ano depois, as crianças começam a falar construindo frases, aumentando seu vocabulário e diminuindo a repetição das palavras.

Fazendo um paralelo do desenvolvimento da linguagem das crianças autistas, a literatura indica que muitas vezes entre 12 e 36 meses, essas crianças se apresentam aos consultórios com ausência da fala adequada, ou inadequação da fala, ou regressão da linguagem inicial e da comunicação (TUCHMAN; RAPIN, 2009).

A literatura aponta que quando os mecanismos para a aquisição da linguagem não ocorrem de maneira espontânea, as crianças autistas tendem a desenvolver uma linguagem pouco funcional, como a ecolalia ou uma linguagem mais solta com poucas situações interativas e com limitações nas competências para iniciar um diálogo e/ou um discurso. A criança autista demonstra também déficits na linguagem receptiva, e pode apresentar dificuldades para compreender enunciados verbais, discursos e conversas, tendo uma tendência para ignorar ordens e/ou chamados, o que gera suspeita de surdez (COLL; MARCHESI; PALÁCIOS, 2004).

Tal percepção é corroborada por Olivier (2010) que ressalta que as crianças autistas agem como crianças surdas, parecem não ouvir nada, e podem chegar aos cinco ou seis anos sem conseguir se expressar verbalmente, ou quando conseguem, desenvolvem a linguagem, podendo esta ser interrompida sem nenhum motivo aparente.

A comunicação das crianças com autismo não é uma comunicação flexível como a das crianças com desenvolvimento típico. A comunicação destas apresenta propriedades como atividade intencional, e é realizada por meio de significantes. Essas características comunicativas,

## AUTISMO: PERCEPÇÃO DOS PAIS SOBRE O DESENVOLVIMENTO

frequentemente, aparecem em crianças entre 6 e 18 meses, juntamente com a resolução da função de intercambiar com o mundo e conseguir extrair algo dele, compartilhando experiências internas do mundo do outro (COLL; MARCHESI; PALÁCIOS, 2004).

As crianças autistas não conseguem desenvolver tais atributos comunicativos (atividade intencional, significância, função intercambiar) na idade esperada, apesar de conseguir apresentar algumas dessas em outras idades do ciclo desenvolvimental (em geral com atrasos em relação à média populacional). A criança com transtorno consegue desenvolver a capacidade de pedir algo (apresentando mais dificuldades em funções declarativas) que consiste na função de compartilhar informações com o mundo. Portanto, a criança autista tem atitudes comunicativas mais escassas do que as crianças com desenvolvimento típico (COLL; MARCHESI; PALÁCIOS, 2004).

O referencial social da criança com desenvolvimento típico desenvolve-se desde o primeiro ano de vida, onde a criança aprende a juntar a expressão das emoções e o contexto ambiental. O contato que a criança tem com os pais e adultos faz com que a criança consiga ter uma ideia da sua própria reação através da leitura do comportamento e da linguagem corporal dos sinais sociais (simbolização) (BEE, 2003).

As crianças com o desenvolvimento típico possuem um marcado interesse na interação social e no ambiente social a partir do nascimento. Os mecanismos básicos da socialização, tais como atenção seletiva para as expressões ou vozes agudas e brincadeiras, levam as crianças a procurar os cuidadores. Nos bebês e crianças com autismo, a face humana possui pouco interesse; observam-se distúrbios no desenvolvimento da atenção conjunta, apego e outros aspectos da interação social. A criança pode não se engajar nos jogos habituais de imitação da infância (esconde-esconde), pode gastar um tempo excessivo explorando o ambiente inanimado. As habilidades lúdicas, além da exploração sensorial dos brinquedos, podem estar completamente ausentes (KLIN, 2006).

O interesse social pode aumentar com o passar do tempo. Há, em geral, uma progressão no desenvolvimento: indivíduos mais jovens e com maior comprometimento podem ser distantes ou arredios à interação, ao passo que indivíduos um pouco mais velhos ou mais avançados podem ter mais disposição de aceitar passivamente a interação, mas não a buscam ativamente. Entre pessoas com autismo, mais capazes funcionalmente, existe com frequência interesse social, mas elas têm dificuldade em administrar as complexidades da interação social; isto frequentemente leva ao surgimento de um estilo social não usual ou excêntrico (KLIN, 2006).

A interação física da criança com desenvolvimento típico se inicia a partir do primeiro ano de vida. Os pais exercem grande influência na vida dessas crianças, e os relacionamentos com

## AUTISMO: PERCEPÇÃO DOS PAIS SOBRE O DESENVOLVIMENTO

outras crianças se dá tanto em casa como fora dela (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006). Nas crianças autistas a interação física ocorre com grande dificuldade, porém, há uma variação entre os níveis de capacidade de relação interpessoal, onde pode haver crianças com necessidade de se relacionar e estabelecer laços com pessoas adultas e com seus pares (COLL; MARCHESI; PALÁCIOS, 2004).

A maioria das crianças autistas não demonstram apego com pessoas próximas, não possuem uma relação adequada com adultos nem com pares iguais, não demonstram iniciativa para começar uma conversa ou iniciar um assunto. Além disso, apresentam dificuldade de realizar o processo de empatia e compartilhar preocupações e emoções com pessoas, assim como em lidar com metacognições, isto é colocar-se no lugar do outro para pensar a partir da perspectiva de um terceiro (COLL; MARCHESI; PALÁCIOS, 2004).

No desenvolvimento cognitivo os bebês com o desenvolvimento típico já nascem com a capacidade de aprender com o que veem, ouvem, cheiram, degustam e tocam, possuindo ao menos certa capacidade para se lembrar do que aprenderam. Evidentemente, a maturação é essencial para o desenvolvimento cognitivo das crianças (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

O desenvolvimento cognitivo da criança autista é marcado por uma resistência intensa a mudanças. Frente à preferência em manter o ambiente previsível, ela tende a preservar a ideia de um mundo sem mudanças, o que sugere limitação. A criança autista não forma novos esquemas e tem dificuldades para elaborar estratégias flexíveis na atividade cognitiva. Seu desenvolvimento cognitivo apresenta ausência de simbolização, jogos funcionais e recursos flexíveis, o que indica conteúdo limitado e dificuldades em diferenciar realidade de ficção (COLL; MARCHESI; PALÁCIOS, 2004).

Em suma, para que essas características incomuns da criança autista sejam amenizadas e se obtenha melhora no desenvolvimento da criança, é preciso observar os diversos aspectos do desenvolvimento. A partir disso, os profissionais engajados elaboram intervenções direcionadas para os déficits, dificuldades e potencialidades das crianças autistas (OLIVIER, 2010).

Para o adequado diagnóstico das potencialidades e limitações da criança autista, via de regra, os profissionais partem de informações colhidas com os pais – principais cuidadores. Assim, o presente estudo pretende analisar a percepção dos pais quanto ao desenvolvimento das crianças autistas. Visa com isso descrever e esclarecer alguns aspectos do desenvolvimento infantil, assim como observar a realidade do sujeito autista e o seu potencial para desenvolver habilidades. Ademais, o estudo sobre o desenvolvimento das crianças autistas contribuirá socialmente para a

## AUTISMO: PERCEPÇÃO DOS PAIS SOBRE O DESENVOLVIMENTO

comunidade ao produzir material de referência para profissionais que se dedicam a trabalhar com crianças autistas.

### MÉTODO

A pesquisa adotou o delineamento de estudo de campo com uma abordagem quantitativa e qualitativa, com propósitos exploratórios e descritivos (CAMPOS, 2004). Nesse sentido realizou o estudo em uma instituição que atende crianças e adolescentes com autismo do Norte de Minas Gerais, na cidade de Montes Claros. A coleta se deu no mês de abril de 2014, após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Associação Educativa do Brasil – SOEBRAS sob o número 622.077 e aprovado em 23 de abril de 2014.

O grupo amostral foi composto por 20 responsáveis pelas crianças autistas residentes em cidades do Norte de Minas (arredores de Montes Claros) atendidas pela instituição. A associação, no período da pesquisa, atendia a aproximadamente 50 famílias cadastradas. A amostra foi selecionada de forma aleatória, a partir do banco de dados da instituição. Foi definido como critério de inclusão: a família que é atendida pela instituição cujo filho acometido tivesse até 15 anos, famílias que participassem das reuniões quinzenais na instituição e que concordassem em responder a entrevista de forma voluntária (mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE), autorizando a realização da pesquisa.

A coleta das informações se deu mediante ao uso de entrevista semiestruturada com 16 questões, cujas respostas foram integralmente anotadas pela pesquisadora. O tempo médio de entrevistas foi de cerca de 20 minutos. Todos os procedimentos éticos quanto à realização de pesquisas com seres humanos foram atendidos em conformidade com a Resolução CNS nº 466/12.

### RESULTADOS

Os dados da pesquisa foram analisados por meio do discurso mediante categorização das respostas (SILVA, 2005). Dos 20 respondentes 65% eram mães, 30% pais e 5% avós (materna). A idade das crianças autistas atendidas pela instituição variou entre 1 a 15 anos, sendo que 50% têm de 6 a 10 anos, 30% têm de 0 a 5 anos, e 20% têm de 11 a 15 anos. Dessas crianças 75% são do sexo masculino e 25% do sexo feminino.

## AUTISMO: PERCEPÇÃO DOS PAIS SOBRE O DESENVOLVIMENTO

Na entrevista foi detectado que, nos primeiros meses de vida (de zero a dez meses), 65% das crianças eram capazes de virar a cabeça quando era chamada e conseguia seguir objetos e pessoas com o olhar, 75% das crianças não se irritavam quando uma pessoa mais próxima estava ausente e 90% das crianças não procuravam por objetos, engatinhando ou dando os primeiros passos. Verificou-se que apenas uma criança emitia todos esses comportamentos.

A partir das percepções dos respondentes sobre o autismo, no primeiro ano de vida (de 11 meses a 18 meses), 65% das crianças se interessaram por objetos diversos a ponto de pegá-los e 70% das crianças faziam imitações das expressões faciais e gestos.

De acordo com os responsáveis responderam no primeiro ano de vida 75% das crianças não se incomodavam diante da ausência de alguns objetos e 70% procurava pelos objetos desaparecidos, engatinhando ou dando os primeiros passos.

Considerando os dados aferidos 65% das crianças, no seu primeiro ano de vida, imitavam e produzia sons, desde grunhidos, avançando para os primeiros balbucios até alcançar palavras monossílabas. De acordo com os dados 40% das crianças começaram a atender pelo nome com 3 anos. Atualmente, apenas uma das crianças com mais de 3 anos ainda não responde pelo nome, segundo as informações dos cuidadores.

Segundo os entrevistados a idade que varia a iniciação da fala da maioria das crianças da pesquisa foi entre 2 anos e 4 anos. Conforme a análise 50% dessas crianças falaram depois dos 2 anos, e 45% falaram antes dos 2 anos de idade. Dessa porcentagem, duas crianças perderam a fala depois dos 2 anos e retornaram a se comunicar com 6 anos. Verificou-se ainda que há uma criança de 10 anos de idade, que ainda não desenvolveu a linguagem.

Quanto a comunicação atual das crianças, os entrevistados relataram que 60% das crianças fazem o uso de gestos não-verbais para se comunicar e 55% não tem iniciativa para começar uma conversa. Dos 20 responsáveis entrevistados 80% indicou que das crianças de que cuidam são capazes de nomear os objetos do dia a dia. Dessas 95% conseguem seguir instruções mais simples (por exemplo: pegue o copo, assente-se, vá para a cama, é hora de comer, etc...). Quando a instrução é mais complexa, que incluem duas tarefas simultâneas (por exemplo: pegue o copo e feche a porta, ou escove os dentes e vá para a cama, etc...) 55% não conseguem realizar.

Em relação à socialização identificou-se que 80% das crianças demonstram interesse em socializar-se com membros da família, 65% apresentam interesse em socializar-se com outras crianças e 70% demonstram interesse em participar de brincadeiras que envolvam outras crianças, mesmo não sabendo como fazer essa interação. Dados dos responsáveis entrevistados apontaram também que 90% das crianças se comunicam demonstrando suas emoções.

## AUTISMO: PERCEPÇÃO DOS PAIS SOBRE O DESENVOLVIMENTO

Reconheceu - se que 65% das crianças expressam sinais de estarem chateadas quando ocorre uma mudança na rotina delas e 65% das crianças tem um objeto e brinquedo preferido (objeto transicional), o que pode variar entre brinquedos como carros, bola, violão, computador e dvd.

### DISCUSSÃO

Os dados, ora indicados nos resultados, sobre o estabelecimento de contato das crianças com seus pais nos primeiros meses de vida corroboram a pesquisa de Oliveira *et al.* (2014) que também reconheceram que as interações de apego entre filhos autistas e seus pais é frágil, sendo representada com pouca emissão de comportamentos de se importar, por parte da criança, com o que acontece ao seu redor. Esses coadunam também com os novos critérios do DSM-V, para classificação de Transtorno do Espectro do Autismo (APA, 2013).

Quanto ao primeiro ano de vida, a pouca imitação (de expressões faciais e gestos) aqui verificada, também o foi, no estudo de Reitzel *et al.* (2013) que verificaram que mesmo em 15 grupos de familiares de crianças autistas com idades entre 3 e 7 anos, sob treinamento de Análise Comportamental Aplicada (ABA) poucos comportamentos de imitação foram emitidos.

Os achados do presente artigo corroboram a revisão dos estudos feita em relação a linguagem das crianças autistas, pois os dados indicam que 45% das crianças falaram antes dos 2 anos de idade, os outros 50% falaram depois dos 2 anos e 5% ainda não desenvolveu a linguagem verbal, mesmo com 10 anos de idade. A idade que varia a iniciação da fala da maioria das crianças da pesquisa foi entre 2 anos e 4 anos. De acordo com Papalia, Olds e Feldman (2006), a primeira palavra das crianças com desenvolvimento típico surge em torno do final do primeiro ano de vida. Cerca de 8 meses a 1 ano depois, as crianças começam a falar construindo frases, aumentando seu vocabulário e diminuindo a repetição das palavras. E fazendo um paralelo com o desenvolvimento da linguagem nas crianças autistas, essa acontece com dificuldade e fora do período do desenvolvimento infantil esperado.

De acordo com Coll, Marchesi e Palácios (2004), quando os mecanismos para a aquisição da linguagem não ocorrem de maneira espontânea, as crianças autistas tendem a desenvolver uma linguagem pouco funcional como a ecolalia ou uma linguagem mais solta com poucas situações interativas. Estes autores ainda afirmam que as crianças autistas tendem a ter limitações nas competências para iniciar um diálogo e/ou um discurso. Tal dado é confirmado na pesquisa, pois de acordo com a análise da fala dos cuidadores, 55% das crianças autistas não tem iniciativa para



## AUTISMO: PERCEPÇÃO DOS PAIS SOBRE O DESENVOLVIMENTO

começar uma conversa. Não obstante, a pesquisa de Saad (2016) indica que tal critério diagnóstico deve ser considerado com cautela, visto que, a mesma observou, em suas intervenções com adolescentes autistas, que muitas vezes esses viviam, sob a crença de professores, como incapazes de falar e/ou sorrir, o que configurou-se como percepção inverídica apesar de ainda ser situação ressaltada pela mídia.

Segundo Olivier (2010) as crianças autistas agem como crianças surdas, parecem não ouvir nada, e podem chegar aos cinco, ou seis, anos sem conseguir se expressar verbalmente, ou quando consegue, esta pode ser interrompida sem nenhum motivo aparente. Esse dado aparece na pesquisa de forma marcante, já que se observou que duas crianças perderam a fala depois dos 2 anos e retornaram a se comunicar com 6 anos.

Os achados deste estudo indicam que 60% das crianças fazem o uso de gestos não-verbais para se comunicar. Nessa perspectiva Coll, Marchesi e Palácios (2004), afirmam que a criança com autismo consegue desenvolver a capacidade de pedir algo, apresentando mais dificuldades em funções declarativas (que consistem nas funções de compartilhar informações com o mundo). Portanto, a criança autista tem atitudes comunicativas mais escassas do que as crianças com desenvolvimento típico. Segundo Klin (2006), os bebês e crianças jovens com autismo podem guiar a mão dos pais para obter um objeto desejado, sem fazer contato visual (como se ela estivesse obtendo o objeto pela mão e não pela pessoa). Não obstante, o estudo de Semensato e Bosa (2014) realizado com pais de uma criança autista de 39 meses indicou maior interesse da criança quando estimulada durante um período de 4 meses de acompanhamento para a realização do diagnóstico. Desse estudo, infere-se que o processo de estimulação diversa pode encontrar os campos (pools) de interesse da criança autista e, conseqüentemente, ampliar seu repertório de comportamento imitativo e de interação com o ambiente.

De acordo com Klin (2006), os padrões usuais de aquisição da linguagem (brincar com os sons e balbuciar) podem estar ausentes ou serem raros em crianças autistas. Essa percepção é corroborada por Zanon, Backes e Rosa (2014), que verificaram o atraso da fala, da comunicação gestual e/ou balbucio como sendo os primeiros sintomas observados (pelos pais), quanto ao desenvolvimento da linguagem de 32 crianças em idade pré-escolar (com idade média de 4,17 anos; DP = 1,06 anos) e que os levaram a investigação diagnóstica de autismo. Nos dados aqui aferidos, 65% das crianças, no seu primeiro ano de vida, imitavam e produzia sons, desde grunhidos, avançando para os primeiros balbucios até alcançar palavras monossílabas. Tal informação contradiz a literatura frente a esse aspecto do desenvolvimento.

## AUTISMO: PERCEPÇÃO DOS PAIS SOBRE O DESENVOLVIMENTO

Foi constatado também que 70% das crianças faziam imitações das expressões faciais e gestos no primeiro ano de vida. Verifica-se novamente que a informação contradiz com a literatura já que, segundo os autores referenciados a criança autista tem um prejuízo qualitativo na interação social que apresenta-se pela incapacidade de contato visual, gestos e expressão facial (KANNER; 1943 *apud* BOSA; CALLIAS, 2000; ZANON; BACKES; ROSA, 2014).

Outro aspecto importante observado nessa pesquisa associa-se ao referencial social das crianças autistas. Segundo Coll, Marchesi e Palácios (2004), a dificuldade de interação física é uma das características fundamentais do transtorno, e a maioria das crianças com transtorno autista não demonstra apego com pessoas próximas, assim como não possuem uma relação adequada com adultos nem com pares iguais. Essa perspectiva também é adotada por diversos outros pesquisadores como Barbosa (2015); Reitzel *et al.* (2013); Reitzel *et al.* (2013); Zanon, Backes e Rosa (2014).

Os dados da pesquisa se mostraram divergentes em relação a literatura nesse aspecto, pois segundo o relato dos cuidadores, 80% das crianças demonstravam interesse em socializar-se com membros da família, 65% apresentavam interesse em socializar-se com outras crianças e 70% interessavam-se em participar de brincadeiras que envolviam outras crianças (mesmo não sabendo como fazer essa interação).

Esse dado confirma as ideias de Klin (2006), que afirma que o interesse social pode aumentar com o passar do tempo. Em geral, existe uma progressão no desenvolvimento: indivíduos mais jovens e com maior comprometimento podem ser distantes ou arredios à interação, ao passo que indivíduos um pouco mais velhos e/ou mais avançados desenvolvimentalmente podem ter mais disposição de aceitar passivamente a interação, mas não a buscam ativamente. Tal percepção também é corroborada por Saad (2016), que reconhece que a interação social ativa, de adolescentes autistas em escolas inclusivas, promove a progressão dos aspectos de relacionamento e interesses sociais, que por sua vez, se manifestam mais ativamente.

Em relação à demonstração de emoções a pesquisa indicou que 90% das crianças se comunicam demonstrando suas emoções. Vale ressaltar que, como a pesquisa se valeu de entrevista semi-estruturada, os responsáveis responderam segundo sua compreensão dos itens. Dessa forma quando foi perguntado se a criança se comunica demonstrando emoções, eles responderam se referindo às expressões faciais, e não a verbalização das emoções. Ainda assim, tal dado é digno de nota, visto que, como indicado por Saad (2016), o reconhecimento da estereotipia e incapacidade de falar e/ou sorrir, é tomado como critério diagnóstico (ressaltado pela mídia), mas que muitas vezes se mostra como inadequado.

## AUTISMO: PERCEPÇÃO DOS PAIS SOBRE O DESENVOLVIMENTO

Na literatura Coll, Marchesi e Palácios (2004) pontuam que o desenvolvimento cognitivo é marcado por uma resistência intensa a mudanças, e uma preferência em manter o ambiente previsível. Conforme Klin (2006), crianças com autismo frequentemente possuem dificuldade em tolerar alterações e variações na rotina. As alterações na rotina, ou no ambiente, podem evocar grande oposição ou contrariedade. Na pesquisa essa informação é confirmada, já que, segundo o relato dos cuidadores, 65% das crianças expressam sinais de estarem chateadas quando ocorre uma mudança na rotina delas. As percepções aqui verificadas corroboram os achados de Barbosa (2015), que em estudo semelhante, sobre a influência dos comportamentos da criança acometida de transtornos do espectro do autismo na relação com seus pais, também verificou que quando contrariadas, crianças autistas também demonstram tal frustração em comportamentos observáveis através do afastamento físico, evitam contato (abraços e beijos), o que aumenta o nível de estresse entre os genitores.

A criança autista pode desenvolver um interesse em uma atividade repetitiva, como colecionar cordões e utilizá-los para auto estimulação, memorizar números, repetir certas palavras ou expressões (SEMENSATO; BOSA, 2014). Podem apresentar também a necessidade de ter sempre por perto determinados objetos; gritos sem motivação aparente; repetição de falas ouvidas em conversas, programas de tv, rádio ou filmes, e que não se relacionam com a situação vivenciada (BARBOSA, 2015). Frequentemente pode-se perceber que crianças autistas, quando tem vinculações aos objetos, lidam com os mesmos de modo diferente das crianças com desenvolvimento típico. Os objetos transicionais habituais, para as crianças autistas, quando escolhidos tendem a ser rígidos e não fofos (KLIN, 2006). Na pesquisa 65% das crianças tem um objeto e/ou brinquedo preferido, o que pode variar entre brinquedos como carros, bola, violão, computador e dvd.

## CONCLUSÃO

A produção da pesquisa possibilitou discutir aspectos comportamentais do desenvolvimento infantil. Assim como compreender e analisar de que maneira o desenvolvimento da criança está marcado com especificidades do autismo.

De acordo com o estudo, segundo as informações dos cuidadores entrevistados, verificou-se que o desenvolvimento das crianças autistas, até o primeiro ano de vida, não foi marcado com especificidades do transtorno, portanto o desenvolvimento delas é dado com características

## AUTISMO: PERCEPÇÃO DOS PAIS SOBRE O DESENVOLVIMENTO

semelhantes aos das crianças com desenvolvimento típico. Identificou-se que as mudanças no desenvolvimento das crianças autistas começaram a se destacar no segundo ano de vida, em especial pelo indicativo da ausência da fala.

Nesse sentido, identificou-se que o que difere o desenvolvimento dessas crianças autistas com as outras crianças com desenvolvimento típico é a comunicação e o desenvolvimento da área cognitiva. A aquisição da linguagem funcional e da linguagem receptiva da criança autista se dá com atraso frente à idade esperada (aqui 50% das crianças iniciaram a fala após os 2 anos) e é marcada por inflexibilidade e resistência às mudanças de rotinas e rituais que salienta o atraso do desenvolvimento na área cognitiva.

Constatou-se que o autismo tem como característica algumas diferenças no desenvolvimento infantil típico. Quando essas características não são trabalhadas podem levar a prejuízos à criança, que podem ser duradouros. Não obstante, os dados analisados apontam que as crianças dessa pesquisa, segundo o relato dos cuidadores, na sua maioria apresentam bom desenvolvimento social e afetivo, apesar do déficit verificável quanto ao desenvolvimento da linguagem.

Compreendemos então que os resultados indicam que os cuidadores que responderam a pesquisa, em sua maioria pais, compreendem de modo satisfatório os aspectos desenvolvimentais típicos que devem ser atentados para o auxílio do desenvolvimento da criança autista. Tal percepção responde de modo adequado aos objetivos da presente pesquisa e indica que esses podem atuar como importantes parceiros para especialistas que intentam a auxiliar os autistas a minimizar os déficits de desenvolvimento e a potencializar as habilidades já adquiridas.

Finalizando, reconhece-se a limitação do estudo quanto a extensão do grupo amostral e que esse pode sofrer de viés, visto que se tratam de cuidadores de crianças autistas que recebem apoio de uma instituição que atende crianças e adolescentes com autismo do Norte de Minas Gerais, na cidade de Montes Claros. Por serem crianças institucionalizadas, e que tal processo de apoio demanda a participação dos cuidadores, entende-se que os respondentes da pesquisa passaram por treinamento formal para a compreensão do autismo, assim como quanto ao aprendizado de técnicas de intervenção para lidar com seus filhos autistas. Ainda assim, espera-se que esse trabalho contribua para novas investigações futuras, que possam promover intervenções e melhorias na qualidade de vida dessas crianças e seus respectivos cuidadores, assim como de outras que apresentem acometimento do Transtorno do Espectro do Autismo.

## AUTISMO: PERCEPÇÃO DOS PAIS SOBRE O DESENVOLVIMENTO

## REFERÊNCIAS

- APA. **Diagnostical and Statistical Manual – Mental Disorders – DSM-5**. 5th ed.: American Psychiatric Association, Washington, 2013.
- BARBOSA, J. A. **Percepção dos pais de portadores de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) sobre a influência do comportamento das crianças na relação entre pais e filhos**. 2015. 122 f. Tese (Doutorado em Processos Interativos dos Órgãos e Sistemas) – Instituto de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Bahia, Salvador (BA), 2015.
- BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- BOSA, C. A.; CALLIAS, M. Autismo: breve revisão de diferentes abordagens. **Revista Brasileira Psiquiatria**, v. 13, n. 1, Porto Alegre, 2000.
- CAMPOS, L. F. L. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Psicologia**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2004.
- COLL, C.; MARCHESI, Á.; PALÁCIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artmed, 2004. V. 2.
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE – CNS. Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2012.
- GADIA, C. A.; TUCHMAN, R.; ROTTA, N. T.; Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. **Revista Brasileira Psiquiatria**, v. 80, n. 2, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v80n2s0/v80n2Sa10.pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2016.
- KLIN, A. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Revista Brasileira Psiquiatria**, v. 28, n. 1, São Paulo, 2006.
- OLIVIER, L. **Distúrbios de Aprendizagem e de Comportamento**. 5. ed. Rio de Janeiro: Wark, 2010.
- OLIVEIRA, D. S.; MOURA, A. R. S.; FEIJÓ, L. P.; PINHEIRO, M. D. C.; BRITES, P.; DORNELES, S.; MOURA, E. Interação vincular de pais com filhos autistas. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, Lisboa, v. 5, n. 2, p. 103-113, 2014.
- PAPALIA, D; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- REITZEL, J.; SUMMERS, J.; LORY, B.; SZATMARI, P.; ZWAIGENBAUM, L.; GEORGIADES, S.; DUKU, E. Pilot randomized controlled trial of a Functional Behavior Skills Training program for young children with Autism Spectrum Disorder who have significant early learning skill impairments and their families. **Research in Autism Spectrum Disorders**, v. 7, n. 11, p. 1418-1432, 2013.
- SAAD, A. P. R. **Desenvolvimento psicossocial de adolescentes com transtorno do espectro do autismo**. 2016. 93 f. Dissertação (Mestrado em Saúde e Desenvolvimento na Região Centro-Oeste) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande (MS), 2016.

## AUTISMO: PERCEPÇÃO DOS PAIS SOBRE O DESENVOLVIMENTO

SEMENSATO, M. R.; BOSA, C. A. Crenças Parentais sobre o Autismo e sua Evolução no Processo de Comunicação Diagnóstica. **Pensando Famílias**, v.18, n. 2, p. 93-107, dez. 2014.

SILVA, M. A. S. M. Sobre a Análise do Discurso. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 4, n. 1, p. 16-40, 2005.

TUCHMAN, R.; RAPIN, I. **Autismo abordagem neurobiológica**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ZANON, R. B.; BACKES, B.; BOSA, C. A. Identificação dos Primeiros Sintomas do Autismo pelos Pais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 30, n. 1, p. 25-33, jan./mar. 2014.